



A dinâmica da exportação de serviços brasileira no período de 2011 a 2020

Larissa Naves de Deus Dornelas¹
Bruna Borges²

Resumo: Este trabalho visa analisar a dinâmica da exportação de serviços brasileira no período de 2011 a 2020, tendo em vista as principais teorias econômicas que apontam a importância da exportação para o desenvolvimento de um país. Utilizando-se dos métodos bibliográfico, descritivo e estatístico, o trabalho analisa o panorama macroeconômico da economia brasileira nos anos 2011 a 2020, quando se observam dois típicos ciclos econômicos, e verifica se a dinâmica das exportações de serviços segue tal comportamento. Por fim, analisam-se os principais serviços exportados pelo país e seus principais parceiros, fazendo-se a comparação entre esses resultados com o dos principais países exportadores de serviços no âmbito mundial. Os resultados preliminares mostram que o Brasil se tornou o maior exportador de serviços da América Latina, mas, comparado a países mais desenvolvidos (Estados Unidos, Holanda, Reino Unido e Alemanha), sua participação ainda é pouco significativa. A configuração da pauta importadora e exportadora de serviços brasileiros indica, além disso, a forte dependência do país em relação a serviços de maior valor agregado, em linha com o comportamento de sua pauta comercial de produtos.

Palavras-chave: Comércio exportador brasileiro. Comércio internacional. Exportação de serviços.

The dynamics of brazilian services exports from 2011 to 2020

Abstract: This paper aims to analyze the dynamics of Brazilian service exports in the period from 2011 to 2020, taking into account the main economic theories that point to the importance of exports to the development of a country. Furthermore, using bibliographical, descriptive and statistical methods, the paper analyzes the general macroeconomic panorama of the Brazilian economy in the years 2011 to 2020, a period in which two typical economic cycles are observed, and discusses whether the dynamics of exports of services follows this behavior. Finally, we analyze which are the main services exported by the country and its main partners, comparing these results with those of the main service-exporting countries worldwide. The preliminary results indicate that Brazil has become the largest exporter of services in Latin America, but in comparison with more developed countries its participation is still not significant, as in the case of the United States, the Netherlands, the United Kingdom and Germany. Furthermore, the configuration of the Brazilian imports and exports of services indicates the country's strong

¹Doutora em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora adjunta do Departamento de Economia e do Programa Profissional de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). ID ORCID: 0000-0002-8852-4313. E-mail: larissanaves@ufpr.br

²Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO). E-mail: brunabb.bb39@gmail.com.

dependence on services with higher added value, in line with the behavior of the trade list of products.

Keywords: Brazilian export trade. International trade. Services exports.

Introdução

O papel das exportações no desenvolvimento econômico de um país é tema discutido há muitos anos na teoria econômica. Existe uma visão geral de que o desenvolvimento de um país depende também das exportações, já que o aumento da concorrência comercial amplia a diversificação de produtos comercializados e a demanda agregada interna.

As exportações relacionam-se à comercialização de bens e de serviços. A principal distinção entre as categorias reside no fato de não necessariamente ocorrer movimentação fronteiriça quando se trata das exportações de serviços, uma vez que, na maioria dos casos, os serviços são intangíveis. Autores como Arbache (2016) e Ferreira (2018) consideram a exportação de serviços fonte de estímulo à competitividade dos países, visto que pode apresentar maior conteúdo tecnológico e tornar diversa a pauta exportadora ao longo dos anos. Citam a exportação de *software* e de serviços de tecnologia da informação como exemplo de evolução tecnológica de um país. Zhang e Schimanski (2014) afirmam que a maior participação dos países nas chamadas cadeias globais de valor³ é estratégia importante para o desenvolvimento econômico com consequências positivas: maior rede de contatos; acesso aos mercados globais de capital, ao conhecimento e às tecnologias; oportunidade às empresas de ampliar e melhorar a sua capacidade produtiva.

No comércio mundial, os principais países exportadores de bens são também os maiores exportadores de serviços. Devido à evolução tecnológica e à intensa integração econômica mundial, o setor de serviços tem se tornado cada vez mais comercializável. No ano de 2020, os principais exportadores de serviços no mundo foram os Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e China. Esses países já se incluem também entre os maiores exportadores de bens (CNI, 2020).

Os países em desenvolvimento são recorrentemente conhecidos por apresentarem problemas de falta de infraestrutura, ineficiência e pouca qualificação em algumas funções. É o caso do Brasil, considerado um país atrasado tecnologicamente e com problemas de infraestrutura. No *ranking* internacional de competitividade do ano de 2021, entre sessenta e

³ Termo utilizado para caracterizar a crescente fragmentação das diferentes etapas do ciclo produtivo de bens e serviços, em diferentes países. Significa que o processo entre a criação de um produto/serviço até sua entrega ao consumidor final é realizado por uma rede global de empresas (ZHANG e SCHIMANSKI, 2014).

quatro países, ocupa a 57ª posição (BATISTA, 2021). Não obstante essa classificação, nos últimos anos, o Brasil é destaque na América Latina em função da participação nas exportações de serviços (PEREIRA, SENNES e MULDER, 2009).

Quanto à análise da dinâmica macroeconômica do Brasil, nos últimos anos, o país apresentou forte volatilidade em seus principais indicadores, representada tanto por momentos de expansão quanto de retração do crescimento, como ocorreu em 2020, com o impacto da pandemia de Covid-19. Esse movimento leva alguns autores a considerarem a última década, para o país, a nova década perdida (CONSIDERA; TRECE, 2021).

Diante desse cenário macroeconômico e da importância da exportação de serviços para a atual configuração das cadeias globais de valor, sobretudo no tocante aos países emergentes, este trabalho visa observar a dinâmica da exportação de serviços do Brasil, no período de 2011 a 2020, para avaliar o comportamento dessa atividade em relação ao total produzido pelo país. O objetivo geral é analisar a participação do setor de serviços brasileiro nas exportações totais do país entre 2011 e 2020, e verificar se esse setor acompanhou (ou não) a tendência da atividade econômica total, ou seja, os dois típicos ciclos econômicos observados no período. Os objetivos específicos são: apresentar as principais teorias que tratam da importância do comércio internacional na teoria econômica; identificar os principais serviços exportados pelo Brasil e os países de destino; comparar os resultados do Brasil com os dos países que se destacam na exportação de serviços no âmbito mundial.

A metodologia utilizada neste trabalho é a bibliográfica, que trará o apoio teórico de livros e artigos científicos sobre a temática. Serão utilizadas também as metodologias descritiva e estatística, que fundamentarão o tratamento e a análise dos dados disponibilizados pelo Banco Central do Brasil, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, e auxiliarão na apresentação do panorama macroeconômico da economia brasileira, assim como da dinâmica do setor exportador de serviços.

O trabalho está estruturado em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, apresenta-se a discussão sobre a importância das exportações no desenvolvimento econômico de um país, com destaque às principais fases que marcam a história do comércio externo. Na segunda, expõem-se o panorama macroeconômico da economia brasileira no período de 2011 a 2020 e os dados referentes à participação da exportação de serviços do país. Na última seção, identificam-se os principais serviços exportados pelo Brasil, seus principais parceiros e compara-se essa dinâmica à dos principais países exportadores nesse segmento.

Exportações: da teoria às principais fases da história do comércio mundial

A era comercial coincide com a Revolução Comercial, no século XVI, e com as Grandes Navegações. A doutrina mercantilista também se inicia nesse período, quando, em termos econômicos, vigora o pensamento de que uma nação forte seria aquela que acumulasse riqueza, representada, na época, pelos metais preciosos. A discussão sobre a importância do comércio internacional para auxiliar as nações na acumulação de riqueza teve destaque nessa corrente de pensamento. Entre 1500 e 1750, o debate em torno dos objetivos dos países na importação ou exportação das suas produções serviu de base para o desenvolvimento das teorias do comércio exterior (BUZZO, 2015).

Smith deu origem à Teoria Liberal do Comércio Internacional com a publicação de “A Riqueza das Nações”. Nesse livro, fundamentado na divisão do trabalho e na crítica ao protecionismo, apresentou a Teoria das Vantagens Absolutas. Para o autor, quanto mais desenvolvida, mais especializada e eficiente a divisão do trabalho, conseqüentemente, mais rica a nação. O desempenho da divisão do trabalho seria proporcional à extensão dos mercados, quanto mais abertas às trocas internacionais, mais ricas as nações que os integravam (MOREIRA, 2012).

Com base na teoria de Smith, David Ricardo desenvolveu, em 1817, a Teoria das Vantagens Comparativas. No modelo ricardiano, as relações comerciais entre os países seriam explicadas segundo a vantagem comparativa, ou seja, os países exportariam (e importariam) bens produzidos para onde o trabalho fosse relativamente eficiente. Assim, o comércio internacional seria favorável aos dois lados da negociação, trazendo ganhos comerciais aos envolvidos. Conforme descrevem Coutinho *et al.* (2005), merece destaque o fato de que Ricardo aprimorou a teoria vigente até então, já que possibilitou ganhos comerciais decorrentes das trocas internacionais mesmo para países que não possuíam vantagem absoluta em nenhum bem.

Entre as ideias neoclássicas sobre o comércio internacional, no início do século XX, destaca-se a teoria Hecksher-Ohlin, desenvolvida por Heckscher e aprimorada por Ohlin. Nesse modelo, ao contrário dos anteriores, o comércio internacional é explicado pelas diferenças em abundância de fatores de produção entre os países, ou seja, dotação de terra, capital e trabalho, bem como pela intensidade com que cada um utiliza seus fatores. Assim, no “Teorema de Hecksher-Ohlin, o país que é abundante em um fator exporta o bem cuja produção é intensiva nesse fator” (KRUGMAN, OBSTFELD E MELITZ, 2015, p. 76).

Em 1953, Leontief realizou um estudo empírico para testar a teoria de Hecksher-Ohlin. Conhecido como Paradoxo de Leontief, esse estudo analisou a balança comercial dos Estados

Unidos depois da Segunda Guerra Mundial. Os resultados mostraram que, contrariando as conclusões da teoria submetida a teste, aquele país, relativamente abundante em capital, exportava produtos menos intensivos em capital, enquanto suas importações eram de produtos intensivos em capital.

Outro ponto que merece atenção são as falhas nas explicações da Teoria de Hecksher-Ohlin, devido ao atual formato e ao funcionamento do mercado internacional. Três fatores explicam essas lacunas: primeiro, a quantidade expressiva de produtos semelhantes no mercado internacional; segundo, o grande volume de comércio entre países industrializados com dotação de fatores semelhantes; terceiro, a ascensão do formato de empresas multinacionais fez surgir um novo tipo de comércio (COUTINHO *et al.*, 2005). A esses elementos, adicionam-se a emergência e a importância da divisão e organização de produtos e serviços em escala mundial na contemporaneidade. Nesse caso, as cadeias globais de valor constituem outro fator que também representaria falha na aplicabilidade da Teoria de Hecksher-Ohlin.

Na discussão em torno do comércio internacional, destaca-se a obra de Friedrich List, segundo a qual, a economia clássica ignora o caráter hierárquico do comércio internacional, pelo fato de defender o livre comércio para trazer o estado de bem-estar social. List ressalta que as forças produtivas se baseiam no caráter produtivo do conhecimento humano. Essa contribuição se contrapõe ao pensamento clássico, que considera somente o trabalho físico como fonte produtiva (MOREIRA, 2012).

Além das críticas às teorias clássicas, Dosi, Pavitt e Soete (1990) analisam criticamente as teorias neoclássicas do comércio internacional. Esses autores argumentam que os modelos anteriores consideram a mudança tecnológica uma variável exógena à dinâmica econômica, não compreendendo que as transformações tecnológicas são, na verdade, propriedades do processo econômico. Em linha, o autor Raul Prebisch (1949) avalia as teorias, segundo as quais, os benefícios do comércio internacional atingem todos os países de forma equitativa. Para esse autor, não é isso o que ocorre, pois o aumento da produtividade nos países centrais, em vez de reduzir, eleva os preços dos produtos manufaturados. Essa condição faz que tais países obtenham maiores ganhos que os periféricos na dinâmica do comércio mundial.

Mais recentemente surge a Nova Teoria do Comércio, por meio dos trabalhos de Paul Krugman no início da década de 1980. Conforme essa teoria, o padrão do comércio internacional pode ser explicado com base nas economias de escala e nos efeitos em rede que elas geram em indústrias-chave. Assim, entre dois países, pode não haver diferenças em termos de dotação de fatores e tecnologia, mas, se um deles se especializar em determinada indústria, sua economia pode se beneficiar das economias de escala, criando um incentivo para o comércio. Ademais, essa

indústria possui a chance de se tornar dominante nesse mercado, facilitando a concorrência monopolística (KRUGMAN, 1988).

Além do que explicam as teorias sobre comércio internacional e incentivos à exportação, é importante destacar fases que marcaram a evolução do comércio externo ao longo da história econômica. As trocas comerciais no âmbito mundial sucedem entre os séculos XVI e XVIII, com as Grandes Navegações. Nesse período, dois processos, a chamada Revolução Comercial e a Revolução Industrial, outro momento de avanço econômico caracterizado pelo surgimento de máquinas, aumento da produtividade e obtenção de lucro (BUZZO, 2015). Mais tarde, em 1914, essa era de globalização, de avanços comerciais e industriais, chega ao fim.

As duas Guerras Mundiais, a Grande Depressão e o forte protecionismo econômico atuaram para deprimir o comércio mundial, de modo que “o comércio mundial cresceu rapidamente nas décadas anteriores à Primeira Guerra Mundial, mas depois caiu significativamente. [...] a globalização não retorna aos níveis pré-guerra mundial até a década de 1970” (KRUGMAN, OBSTFELD E MELITZ, 2015, p.15). Conforme Buzzo (2015), outro momento relevante se inicia no século XX, quando ocorre a maior integração dos sistemas financeiros e bancário. Trata-se da fase de globalização não apenas comercial, mas também financeira. Assim, se de um lado, uma das esferas da globalização consiste no desenvolvimento e no peso maior atribuído ao comércio internacional como fonte de crescimento, de outro, a desregulamentação, até então apenas comercial, espalha-se para o âmbito financeiro mundial.

Com base nisso, um conjunto de autores defende a abertura comercial. Sarquis (2011), por exemplo, afirma que, se participarem da expansão do comércio, todos os países se beneficiam com o crescimento da globalização. Buzzo (2015) ressalta que alguns países criam políticas específicas (incentivos fiscais, seguro de crédito e financiamento) para o comércio exterior. Uma representação desse modelo de política no Brasil é o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que apoia o financiamento de grandes empreendimentos industriais e de infraestrutura para a exportação no âmbito das pequenas e médias empresas (FERREIRA *et al.*, 2004).

Em meio ao crescimento das transações econômicas internacionais e à enorme competição entre os países vem à tona a forte desigualdade em termos de desenvolvimento, já que as cadeias globais de valor, marca atual da organização industrial no mundo, não se distribuem de maneira uniforme e as principais ‘redes internacionais de produção’⁴ concentram-se na Ásia, Europa e América do Norte. De acordo com as teorias críticas apresentadas acima, “(...) muitos países em desenvolvimento, especialmente na África e na América Latina, permanecem à

⁴ Termo utilizado como sinônimo de cadeias globais de valor.

margem da produção transfronteiriça compartilhada, de tal maneira que as cadeias globais de valor dificilmente são otimizadas” (ESTEVADEORDAL; BLYDE; SUOMINEN, 2013, p. 7).

Magnoli (2012) esclarece que o comércio mundial atualmente divide-se em: Ásia/Pacífico, o maior polo comercial, em que o principal exportador é a China; Europa, o segundo maior polo de intercâmbios, em déficit com a Ásia/Pacífico e saldo positivo com a América do Norte; América do Norte, o terceiro maior polo comercial. Existem ainda polos periféricos, ou seja, países com menos diversidade de produção e menores taxas de comércio internacional, representados pelo Oriente Médio, África, Comunidade dos Estados Independentes (CEI), dos quais fazem parte, entre outros, Ucrânia, Moldávia, Armênia, América do Sul e Central. Um dos países do polo da América do Sul e Central é o Brasil, historicamente conhecido (GARCIA, 2019) como agroexportador, começou a exportar produtos manufaturados pela indústria após a segunda metade do século XX. Dessa forma, a partir dos anos 1950, pautou seu desenvolvimento industrial na política governamental, adotando uma política externa de cunho mais protecionista. Destaca-se a política de substituição de importações para estimular o desenvolvimento industrial, no entanto, a crise externa forçou o país a voltar com a liberalização de sua política comercial, originando a maior abertura comercial brasileira observada ao longo dos anos 1980 e 1990.

Pereira, Sennes e Mulder (2009) afirmam que, além de majoritariamente agroexportador, o Brasil tornou-se um país exportador de serviços, o mais dinâmico da América Latina nesse ramo desde 1990. Trata-se de uma atividade central em vários países, já que a expansão dos serviços se deve a uma demanda maior, por sua vez, relacionada ao patamar de renda maior da sociedade. É uma condição que beneficia setores como a indústria de hotelaria e turismo, por exemplo (KON, 2006). Santos e Amorim (2019) ressaltam que tal segmento possui boas perspectivas de crescimento, representando atualmente um terço da produção de emprego, dois terços da produção mundial e um quinto do comércio internacional. Com a emergência da fragmentação produtiva, nessa fase atual que marca o comércio internacional, a comercialização de insumos e serviços intermediários amplia-se cada vez mais. Surgem, pois, oportunidades, sobretudo aos países em desenvolvimento, de maior participação no comércio mundial, e torna-se desnecessário a um país dominar a competência requerida em todas as etapas produtivas de determinado produto ou serviço, conforme apontam Estevadeordal, Blyde e Suominen (2013).

A exportação de serviços é a chance de desenvolvimento, de abertura de mercado e de avanço na competitividade. Para a sociedade, existem perspectivas de ampliação da renda, do poder de compra e do número de empregos (RIGHETTI; MICHEL, 2007). No caso do Brasil, país em desenvolvimento, mas o maior exportador de serviços da América Latina, observa-se a relevância desse modelo de troca internacional para a sua dinâmica econômica. Dessa forma, o

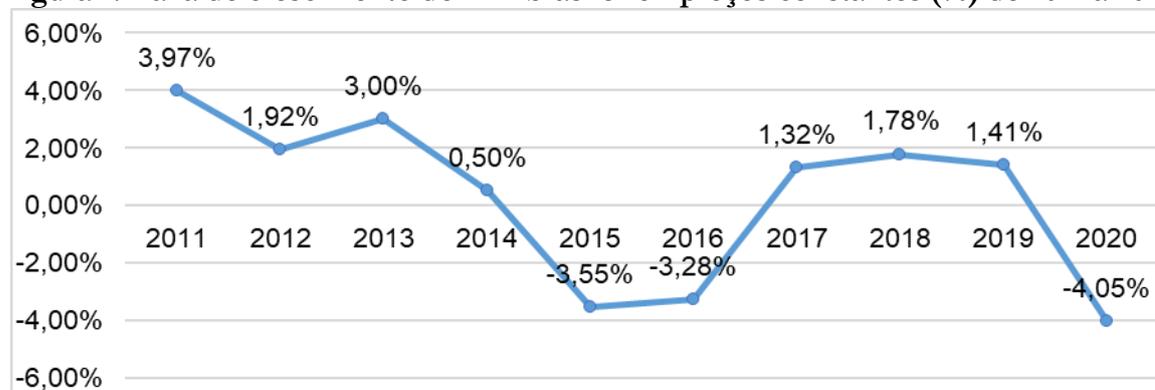
objetivo da próxima seção é analisar o panorama macroeconômico do Brasil e os dados relacionados à exportação de serviços do país, de 2011 a 2020.

Brasil: panorama econômico e as exportações de serviços entre 2011 e 2020

Esta seção analisa o panorama econômico do Brasil e a dinâmica da exportação de serviços do país, de 2011 a 2020. Esse período se justifica, primeiro, porque abrange uma década, segundo, porque observa dois ciclos econômicos típicos, expansão e retração da atividade econômica brasileira. Assim, o propósito é investigar se a dinâmica exportadora de serviços acompanha (ou não) os ciclos da atividade total do país.

O PIB é o principal agregado das contas nacionais, um indicador da renda gerada pela atividade produtiva da economia em determinada época. Para estimá-lo, são utilizados preços correntes, medidos com base nos preços praticados no período de referência, ou preços constantes, calculados com base nos preços determinados em um ano base (HALLAK NETO, 2014). A Figura 1 representa a taxa de crescimento do PIB brasileiro de 2011 a 2020 e mostra uma grande volatilidade da taxa de crescimento brasileira. O início do período apresenta taxas positivas de crescimento, mas uma grande queda entre os anos de 2014 e 2016, época em que o país passou por uma forte recessão. Os anos de 2017 a 2019 voltam a apontar (embora muito baixas) taxas positivas de crescimento do PIB. Em 2020, último ano de referência, observa-se importante queda na taxa de crescimento do PIB. Em função da pandemia de Covid-19, esse foi um ano atípico, com efeitos negativos sobre a produção não só do Brasil, mas também da economia global. Evidenciam-se, pois, os dois típicos ciclos, expansão e retração, da atividade econômica brasileira.

Figura 1: Taxa de crescimento do PIB brasileiro - preços constantes (%) de 2011 a 2020

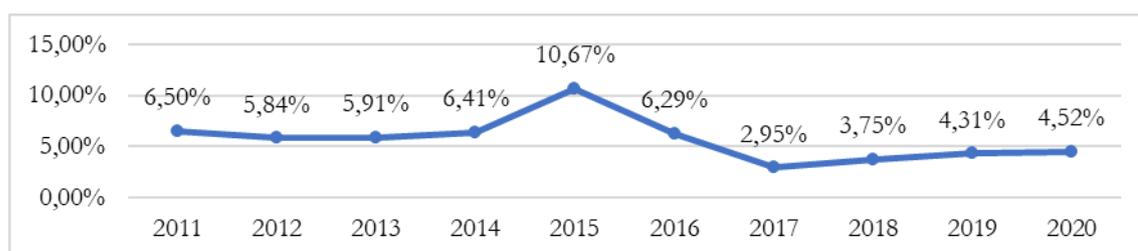


Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do Fundo Monetário Internacional (FMI, 2021).

Além do PIB, outros agregados auxiliam a compreender a dinâmica de uma economia. A taxa de inflação é um deles. Segundo o IBGE (2021a), representa o comportamento do nível geral de preços de serviços e produtos de determinado país. A taxa de inflação da economia brasileira no período de 2011 a 2020, representada na Figura 2, mostra uma grande elevação entre os anos de 2014 e 2016, passando, inclusive da meta de inflação do governo, 4,5% a.a.

Em 2017, a taxa de inflação começa a ceder. O setor que mais contribuiu para conter a inflação nesse período foi alimentos e bebidas. A deflação dos alimentos ocorreu devido à safra recorde, ou seja, ao aumento da produção agrícola (OLIVEIRA, 2018). Nos demais anos, a inflação volta a crescer, e, em 2020, atinge a maior taxa desde 2016. Além dos preços dos alimentos, a maior inflação deve-se à alta do dólar (desvalorização do real) e ao preço das *commodities* no mercado internacional, influenciado também pela Covid-19.

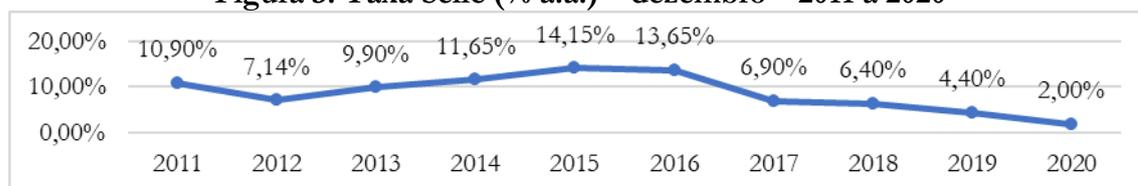
Figura 2: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA - % a.a.) de 2011 a 2020: taxa de variação



Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do IPEADATA (2021).

Para controlar a inflação, o Banco Central do Brasil utiliza como principal instrumento a taxa básica de juros, a taxa Selic. O nível da Selic influencia todas as taxas de juros dos empréstimos, financiamentos e aplicações financeiras do país. Quando se altera a meta dessa taxa, mudam-se a rentabilidade dos títulos indexados a ela e os custos de captação dos bancos. Com a sua diminuição, por exemplo, diminuem-se os custos de captação de recursos no sistema financeiro, que tende a emprestar com juros menores, estimulando consumo e demanda no geral.

Figura 3: Taxa Selic (% a.a.) – dezembro – 2011 a 2020



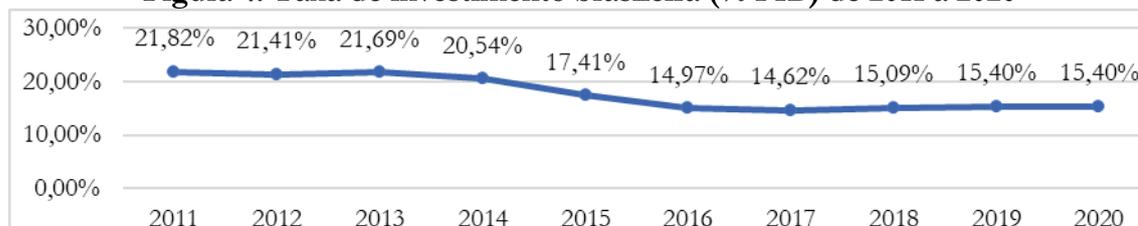
Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do Banco Central do Brasil (2021a).

Conforme a Figura 3, a taxa Selic se manteve em alto patamar na maior parte dos anos analisados, alinhando-se à característica brasileira de ser um dos países com maior juro real do

mundo. De 2017 em diante, observa-se expressiva queda, chegando ao seu menor valor histórico, 2% a.a.

Outra variável relevante para se entender a dinâmica macroeconômica refere-se à taxa de investimento, já que o investimento contribui de maneira significativa para a geração de emprego, produto e renda.

Figura 4: Taxa de investimento brasileira (% PIB) de 2011 a 2020

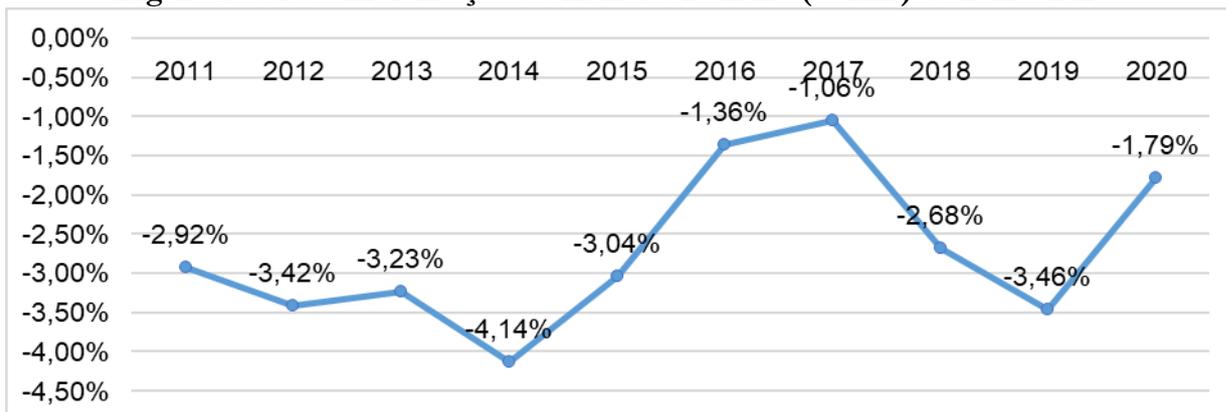


Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do Fundo Monetário Internacional (FMI, 2021).

A Figura 4 mostra que a taxa de investimento da economia brasileira diminuiu no período analisado. A taxa de investimento brasileira apresentou entre 2011 e 2014 seu melhor resultado, mas, com a recessão iniciada em 2014, caiu significativamente até 2017.

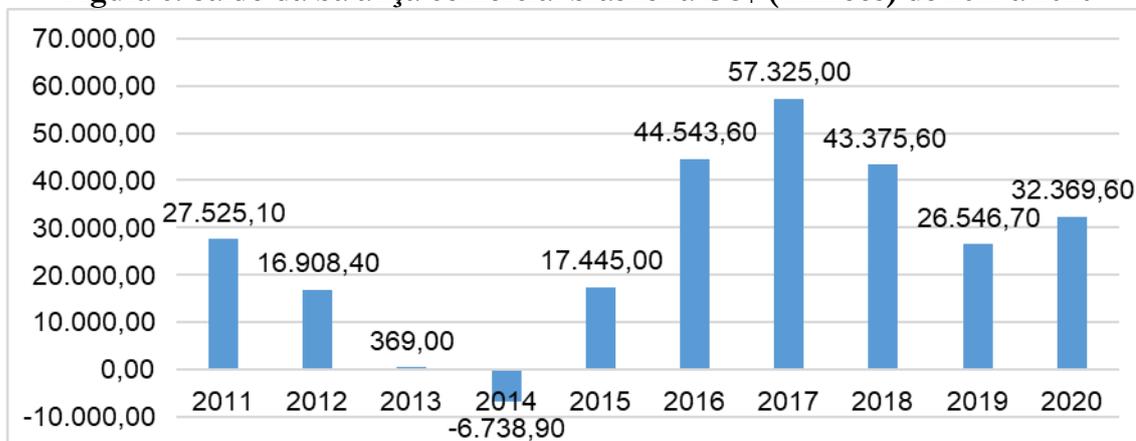
Vale destacar que a formação bruta de capital fixo está mensurada de acordo com uma nova norma desde 2018, fazendo que a Petrobrás internalize as suas plataformas de petróleo pertencentes a alguma companhia *offshore* de sua propriedade e que prestam serviço a ela. Assim, algumas plataformas e embarcações passaram a ser considerados bens de capital do país desde 2018. É possível observar, no entanto, que, mesmo com a mudança da metodologia de cálculo da formação bruta de capital fixo em 2018, a inclusão das plataformas e embarcações da Petrobrás, apesar de ter contribuído para o crescimento da taxa de investimento brasileiro, não conseguiu elevá-la a índices altos, visto que os valores não chegaram a 20% do PIB (TRECE; CONSIDERA, 2021).

Interessante é também retratar o saldo em transações correntes, pois se trata de um número que indica quanto o país exporta ou importa poupança. Os dados da Figura 5 indicam que o saldo em transações correntes brasileiro em todos os anos apresentou déficit, e o maior volume negativo ocorreu em 2014. Em 2020, mesmo com os efeitos da pandemia de Covid-19, o país obteve um saldo acima do esperado, se comparado aos demais anos. Esse resultado pode ser explicado pelo superávit da balança comercial, câmbio desvalorizado, alto preço das *commodities*, entre outros fatores.

Figura 5: Saldo em transações correntes brasileiro (% PIB) de 2011 a 2020

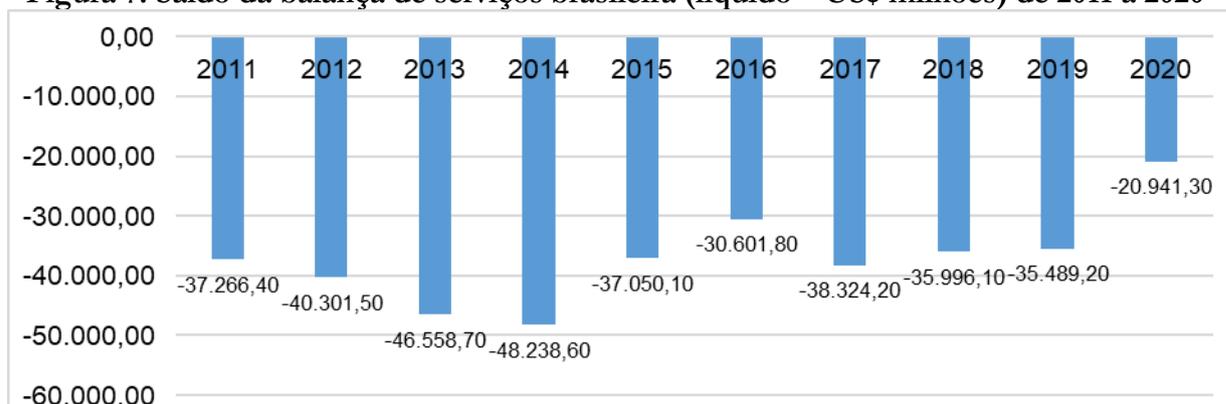
Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do Fundo Monetário Nacional (FMI, 2021).

Com base nos principais indicadores macroeconômicos, foi possível verificar os dois típicos ciclos econômicos do Brasil, nos quais figuraram momentos, ora de recuperação, ora de depressão da atividade. No tocante ao comércio externo, a Figura 6 abaixo apresenta a balança comercial brasileira que, no período, apresentou sucessivos superávits comerciais, sendo o ano de 2017 o mais representativo. O déficit na balança comercial ocorre somente em 2014, devido à recessão que afetou também outros agregados macroeconômicos analisados acima.

Figura 6: Saldo da balança comercial brasileira US\$ (milhões) de 2011 a 2020

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do Banco Central do Brasil (2021a).

Com dados específicos sobre serviços, a Figura 7 apresenta os déficits recorrentes da balança de serviços brasileira. Em 2020, mesmo com a pandemia de Covid-19, os serviços apresentaram o menor déficit de todos os anos analisados. Vale ressaltar que o comércio exterior de serviços é secundário e o comércio de bens, primário, no âmbito global. Ainda assim, esse setor está em crescimento e, com investimentos no setor, tem potencial para contribuir com o crescimento brasileiro (KAPPLER, 2014).

Figura 7: Saldo da balança de serviços brasileira (líquido – US\$ milhões) de 2011 a 2020

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do Banco Central do Brasil (2021a).

A Figura 8 mostra que a exportação de serviços do Brasil teve uma queda pouco significativa em comparação aos demais dados macroeconômicos em questão. O período de maior e menor exportação foi 2014 e 2020, respectivamente. A queda em 2020 deve-se ao fechamento das fronteiras e a outros meios para conter o avanço da Covid-19.

Figura 8: Exportação de serviços comerciais (US\$ milhões) de 2011 a 2020

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados da OMC (2021a).

Nesta seção, o objetivo foi discutir os dois ciclos econômicos do Brasil de 2011 a 2020. Os dados mostram que a exportação de serviços não apresentou tanta volatilidade. Esse setor é representativo da economia brasileira, se comparado aos demais países da América Latina. Dessa forma, na próxima seção, o propósito é aprofundar a análise sobre o perfil do setor exportador de serviços brasileiro.

Exportação de serviços brasileira: tipos de serviços e principais parceiros

As exportações são de suma importância para o crescimento das nações, porém, o desempenho dos países na dinâmica mundial do comércio é heterogêneo. O Brasil é representativo de tais discrepâncias. Inserido nas trocas internacionais como um país especializado na exportação de produtos intensivos em recursos naturais, nos últimos anos,

devido a mudanças na composição de suas exportações, passou a ter bens de intensidade tecnológica, ainda que em pequena magnitude (PUGA, 2005).

Com base nos dados do SISCOSEV (2020), que contemplam os anos de 2014 até 2019⁵, a Tabela 1 traz o *ranking* dos principais países compradores das exportações de serviços brasileiras. Nos cinco primeiros anos, nas exportações de serviços, os Estados Unidos são o principal parceiro comercial do Brasil; no último ano, 2019, a Holanda se destaca. Vale ressaltar, entretanto, que, em 2017, os Estados Unidos compraram o equivalente a dezesseis bilhões de dólares em serviços brasileiros, contra um bilhão de dólares dos demais países (SISCOSEV, 2020).

Tabela 1 – Ranking dos principais países compradores das exportações de serviços do Brasil

	País adquirente	Posição		País adquirente	Posição
2014	Estados Unidos	1º	2017	Estados Unidos	1º
	Holanda	2º		Holanda	2º
	Suíça	3º		Alemanha	3º
	Alemanha	4º		Suíça	4º
	Reino Unido	5º		Reino Unido	5º
	Japão	6º		Colômbia	6º
	França	7º		França	7º
	Cayman, Ilhas	8º		Japão	8º
	Itália	9º		Irlanda	9º
	Argentina	10º		Argentina	10º
2015	Estados Unidos	1º	2018	Estados Unidos	1º
	Holanda	2º		Colômbia	2º
	Alemanha	3º		Holanda	3º
	Reino Unido	4º		Alemanha	4º
	Suíça	5º		Suíça	5º
	França	6º		Reino Unido	6º
	Japão	7º		Chile	7º
	Cayman, Ilhas	8º		Canadá	8º
	Argentina	9º		Irlanda	9º
	Colômbia	10º		Argentina	10º
2016	Estados Unidos	1º	2019	Holanda	1º
	Holanda	2º		Estados Unidos	2º
	Reino Unido	3º		Reino Unido	3º
	Alemanha	4º		Alemanha	4º
	Suíça	5º		Suíça	5º
	França	6º		Irlanda	6º
	Japão	7º		Colômbia	7º
	Argentina	8º		China	8º
	Irlanda	9º		França	9º
	Cingapura	10º		Cingapura	10º

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados da SISCOSEV (2020).

5 Os dados extraídos do SISCOSEV estão descontinuados, devido ao desligamento definitivo do órgão (PORTARIA CONJUNTURA nº 22.091, de 8 outubro de 2020). Dessa forma, mesmo sem acesso aos dados do período 2011-2020 nesse portal, optou-se pela apresentação e análise dos anos de 2014-2019 por causa da riqueza de dados no que tange aos parceiros comerciais de serviços. Ademais, ressalta-se que a análise não é comprometida, uma vez que, para examinar a dinâmica do tipo de serviço exportado pelo Brasil, utiliza-se um complemento, a base de dados da OMC, conforme tabela 5.

A Holanda comprou mais de oito bilhões de dólares em exportações de serviços brasileiras em 2019. Nos demais períodos, esteve sempre em segunda colocação, ficando somente em terceiro lugar no ano de 2018. Nesse ano, a Colômbia ocupou uma posição de destaque com mais de quatro bilhões de dólares direcionados à compra de serviços do Brasil. A China, embora represente o maior comprador de produtos brasileiros, na exportação de serviços, passa a ser importante parceira do Brasil apenas em 2019, com pouco mais de seiscentos milhões de dólares em compras dos serviços brasileiros.

Tabela 2 – Ranking dos principais países vendedores de serviços para o Brasil

	País Vendedor	Posição		País vendedor	Posição
2014	Estados Unidos	1º	2017	Estados Unidos	1º
	Holanda	2º		Holanda	2º
	Alemanha	3º		Reino Unido	3º
	Reino Unido	4º		Alemanha	4º
	Noruega	5º		Suíça	5º
	Suíça	6º		Espanha	6º
	França	7º		Noruega	7º
	Nova Zelândia	8º		França	8º
	Coréia do Sul	9º		Japão	9º
	Uruguai	10º		China	10º
2015	Estados Unidos	1º	2018	Holanda	1º
	Holanda	2º		Estados Unidos	2º
	Reino Unido	3º		Reino Unido	3º
	Alemanha	4º		Suíça	4º
	Noruega	5º		Alemanha	5º
	França	6º		Itália	6º
	Uruguai	7º		Noruega	7º
	Suíça	8º		França	8º
	Japão	9º		Espanha	9º
	Espanha	10º		China	10º
2016	Estados Unidos	1º	2019	Estados Unidos	1º
	Holanda	2º		Holanda	2º
	Reino Unido	3º		Reino Unido	3º
	Alemanha	4º		Alemanha	4º
	Noruega	5º		Suíça	5º
	França	6º		Noruega	6º
	Suíça	7º		Espanha	7º
	Espanha	8º		Pacífico, Ilhas do	8º
	Uruguai	9º		França	9º
	Japão	10º		Japão	10º

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do SISCOSEV (2020).

Por outro lado, existem serviços que o Brasil precisa importar para suprir suas necessidades. Dessa forma, conforme evidencia a Tabela 2, os parceiros comerciais de exportação de serviços também são os parceiros dos quais o Brasil compra os seus serviços. Nos anos em questão, os Estados Unidos e a Holanda venderam ao Brasil serviços que custaram mais de dez

bilhões de dólares. Esse dado demonstra ainda que o Brasil comprou um volume maior de serviços de outros países.

A seguir, a Tabela 3 apresenta os principais serviços exportados pelo Brasil. Destaca-se a exportação de serviços gerais, consultoria gerencial, relações públicas e comunicação social, com maior exportação em 2014 e 2015, não somente dos Estados Unidos, mas também de outros países, como Holanda, Alemanha e Suíça, por exemplo.

Tabela 3 – Ranking dos principais serviços exportados pelo Brasil 2014 - 2019

	Serviços exportados pelo Brasil	Posição
2014	Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social	1º
	Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	2º
	Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto relacionados a seguros e previdência complementar	3º
	Serviços de transporte aquaviário de cargas	4º
	Serviços de manutenção e reparação de produtos metálicos, maquinário e equipamentos	5º
2015	Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social	1º
	Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	2º
	Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar	3º
	Serviços de transporte aquaviário de cargas	4º
	Serviços de manutenção e reparação de produtos metálicos, maquinário e equipamentos	5º
2016	Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	1º
	Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social	2º
	Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar	3º
	Serviços de manuseio de cargas	4º
	Serviços de transporte aquaviário de cargas	5º
2017	Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar	1º
	Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	2º
	Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social	3º
	Serviços de transporte aquaviário de cargas	4º
	Serviços de resseguros e de retrocessão	5º
2018	Serviços de resseguros e de retrocessão	1º
	Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	2º
	Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social	3º
	Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar	4º
	Serviços de transporte aquaviário de cargas	5º
2019	Serviços de gestão empresarial, consultoria em gestão empresarial e assessoria empresarial	1º
	Serviços de resseguro e retrocessão	2º
	Serviços de manutenção e reparação de produtos metálicos, maquinários e equipamentos	3º
	Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar	4º
	Serviços de engenharia	5º

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do SISCOSEV (2020).

Incluem-se nessa contagem dos demais anos outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais; serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto aqueles relacionados a seguros e previdência complementar, com maior valor de exportação em 2017, sendo mais de dez bilhões de dólares. Já no ano de 2018, destaque para mais de seis bilhões de dólares para o serviço de resseguro e retrocessão. Em 2019, com maior valor de exportação para o serviço de gestão empresarial, consultoria em gestão empresarial e assessoria empresarial (SISCOSEV, 2020).

Segundo Oliveira, Reis e Bloch (2017), os serviços profissionais e gerenciais são as principais atividades exportadas pelo país, com grande demanda nos Estados Unidos e na Holanda. Já os serviços de transporte aquaviário de cargas são comprados principalmente pela Alemanha, enquanto a Suíça importa do país serviços de manuseio de carga, e o Reino Unido, serviços auxiliares aos serviços financeiros.

Observa-se na Tabela 4 que os serviços importados pelo Brasil são mais caros e com nível de complexidade superior aos que são resultado de suas exportações. É o caso do arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos sem operador, com maior importação em 2014, ou seja, mais de vinte bilhões de dólares.

Tabela 4 – Ranking dos principais serviços importados pelo Brasil de 2014 - 2019

	Serviços Importados pelo Brasil	Posição
2014	Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador	1º
	Serviços de transporte aquaviário de cargas	2º
	Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos	3º
	Serviços de planejamento de viagens e de operador de turismo, outros serviços relacionados	4º
	Serviços de transportes aéreo de cargas	5º
2015	Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador	1º
	Serviços de transporte aquaviário de cargas	2º
	Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos	3º
	Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	4º
	Serviços financeiros, exceto bancos de investimento, serviços de seguros e previdência complementar	5º
2016	Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador	1º
	Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos	2º
	Serviços de transporte aquaviário de cargas	3º
	Serviços financeiros, exceto bancos de investimento, serviços de seguros e previdência complementar	4º
	Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	5º
2017	Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador	1º
	Serviços de transporte aquaviário de cargas	2º
	Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos	3º
	Serviços financeiros, exceto bancos de investimento, serviços de seguros e previdência complementar	4º
2018	Serviços de propaganda e de alocação de espaço ou tempo para propaganda	5º
	Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador	1º
	Serviços de transporte aquaviário de cargas	2º
	Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos	3º
	Serviços financeiros, exceto bancos de investimento, serviços de seguros e previdência complementar	4º
2019	Serviços de resseguros e de retrocessão	5º
	Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador	1º
	Serviços de transporte aquaviário de cargas	2º
	Afretamento de embarcações de carga por tempo	3º
	Licenciamento de direitos de autor e de direitos conexos	4º
	Serviços de propaganda e de alocação de espaço ou tempo para propaganda	5º

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados do SISCOSEV (2020).

Outro segmento com grande valor de importação é serviços de transporte aquaviário de cargas, ocorrendo uma pequena queda somente em 2016, visto que, nos demais anos, sua importação atingiu por volta de quatro a cinco bilhões de dólares. Logo abaixo ficou o licenciamento de direitos de autor e direitos conexos que, em 2016 e 2017, ultrapassou os

serviços de transporte aquaviário de cargas, ficando mais abaixo em 2019, quando o afretamento de embarcações de carga por tempo ultrapassou essa posição. Por fim, entre 2017 e 2019, os serviços de propaganda e de alocação de espaço ou tempo para propaganda mantiveram-se em quinto lugar.

Nas importações brasileiras de serviços, mais da metade do valor gasto destina-se a arrendamento mercantil operacional, propriedade intelectual e cessões, franquias empresariais e exploração de outros direitos. Já os serviços financeiros e relacionados, securitização de recebíveis e fomento comercial, são de grande valor adicionado, ou seja, o valor que é adquirido ao ser transformado durante o processo produtivo. De baixo valor são os serviços profissionais, de apoio às atividades empresariais e de transporte de cargas (OLIVEIRA, REIS E BLOCH, 2017).

Seguindo a Tabela 5, os dados da OMC (2021) também indicam um maior volume de exportação brasileira para outros serviços e outros serviços empresariais, bem como um crescimento deste último entre 2011 e 2012, e uma pequena queda nos anos seguintes. Outros serviços também atingiram um crescimento até 2014 e depois uma pequena queda nos anos correntes.

Verificou-se um crescimento em telecomunicações, informática e informação, principalmente a partir de 2017. Ao longo desse período, foram diminuídos os seguintes serviços: construção, serviços financeiros, serviços pessoais, culturais e recreativos. Transporte e viagem tiveram uma grande parcela, com altos e baixos ao longo dos anos. O destaque é para a redução do setor viagens em 2020. Em virtude das medidas diante da pandemia de Covid-19, restringiu-se a movimentação de pessoas para conter o avanço do vírus. Além do setor viagens, houve queda nos demais setores nesse último ano analisado, também em razão dos problemas causados pela Covid-19.

Dessa forma, nota-se que o valor das importações de serviços brasileiras é muito expressivo, se comparado ao resultado da venda de serviços brasileiros ao exterior, condição que deixa o país dependente dos países desenvolvidos no tocante à importação, principalmente Estados Unidos e Holanda. A dependência ocorre igualmente em referência às exportações, nas quais os Estados Unidos são o principal comprador, seguido da Holanda, Suíça, Alemanha e Reino Unido.

Os serviços profissionais e gerenciais predominam sobre os serviços exportados. O arrendamento mercantil operacional sobre o importado. Desse fato decorre a interpretação de que é preciso esforço na exportação de serviços de maior valor tecnológico e, portanto, maior valor agregado e monetário, com vistas à redução da dependência tecnológica do país, representada também no setor de serviços.

Tabela 5 – Exportação de serviços brasileira por setor de 2011 a 2020 – anual (milhões de dólares)

Produto/Setor	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Serviços relacionados a Mercadorias	18	11	16	374	450	370	471	1332	496	1201
Transporte	5818	5423	5374	5812	4920	5009	5770	5814	5525	5059
Viagem	6095	6378	6474	6843	5844	6024	5809	5921	5995	3044
Construção				288	53	41	14	7	30	17
Serviços de seguros e pensão	505	541	473	669	988	784	688	536	970	581
Serviços financeiros	2478	2460	2743	1176	742	739	679	775	1011	829
Encargos pelo uso de propriedades intelectuais	301	276	368	375	581	651	642	825	641	634
Telecomunicações, informática e informação	523	732	708	1446	1571	1804	2186	2617	2574	2524
Outros serviços empresariais	16734	18278	17360	21351	17521	16530	17084	16407	15835	13559
Serviços pessoais, culturais e recreativos	2721	2957	2745	681	314	568	313	346	518	411
Outros serviços	25036	26986	26065	26905	22558	21849	22408	22311	22260	19167
Total	60229	64042	62326	68920	55542	54369	56064	56891	55855	47026

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados da OMC (2021a).

Ressalta-se, contudo, a necessidade de se ampliar o investimento no setor de serviços, para aumentar as suas exportações, o que contribuiria para uma melhor posição do Brasil na dinâmica comercial. Corroborando a hipótese do referencial teórico, as exportações nesse setor podem ser bastante dinâmicas, contar com alto valor agregado, e, assim, auxiliar a economia brasileira, tanto em termos tecnológicos quanto em lucratividade e competitividade externa.

Considerações finais

O objetivo principal deste trabalho foi verificar a dinâmica da exportação de serviços do Brasil de 2011 a 2020. Levando-se em consideração a análise teórica e histórica, a era comercial pode ter origem na Revolução Comercial. Nesse período surgiram diversas teorias a respeito da importância do comércio entre as nações. Adam Smith, com a teoria Liberal, David Ricardo, com a Teoria das Vantagens Comparativas, Friedrich List, Dosi, Pavitt e Soete fizeram críticas às teorias neoclássicas do comércio internacional, Raul Prebisch critica a teoria de que os benefícios do comércio internacional atingem todos os países de forma equitativa, e, por fim, a Nova Teoria do Comércio, com os trabalhos de Paul Krugman datados do início da década de 1980.

Entre as questões históricas que marcam o desenvolvimento do comércio no âmbito internacional, destaca-se, mais recentemente, maior globalização entre as economias, devido à

maior integração das corporações financeiras e do sistema bancário. Tais características evidenciam a fase de globalização não apenas comercial, mas também financeira, além da fragmentação produtiva mundial, representada hoje pelas cadeias globais de valor. No tocante ao Brasil, a abertura comercial foi benéfica já que o país, conhecido como agroexportador, diversificou sua pauta de exportação, se tornando, inclusive, exportador de serviços, e passando à categoria de país mais dinâmico da América Latina no ramo. Apesar do destaque, o país ainda tem uma participação muito baixa nesse segmento, se comparado aos países desenvolvidos e aos grandes exportadores, além de se situar à margem da configuração recente das cadeias no âmbito global.

Em termos macroeconômicos, entre os anos 2011 e 2020, percebe-se a alta volatilidade da maior parte dos indicadores brasileiros, com dois típicos ciclos econômicos no período, mais intensamente entre 2014 e 2016, e ainda em 2020, com a Covid-19, que atingiu uma economia já em decadência. Observa-se, contudo, que, mesmo diante dos altos e baixos dos indicadores econômicos ao longo desses anos, as exportações de serviços apresentaram pouca queda no país. Esse segmento engloba vários serviços, muitas vezes, intensivos em conhecimento, condição que aumenta a produtividade e a competitividade empresarial, uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento para o Brasil, além da possibilidade de inserção em alguma 'rede internacional de produção'.

Pode-se demonstrar que os países mais dinâmicos no segmento de serviços continuam sendo os mais desenvolvidos, como é o caso dos Estados Unidos, Holanda e Reino Unido desde 2014 até 2019, e a China, com maior exportação em 2020. Além de serem os maiores compradores dos serviços do Brasil, também são alguns dos maiores vendedores de serviços de arrendamento mercantil operacional e de serviços profissionais e gerenciais para o país.

Os dados mostram que é preciso mais esforço na exportação de serviços de maior valor tecnológico. Para esse fim, o investimento (tão baixo e esquecido) no Brasil precisa voltar a um patamar que possibilite o desenvolvimento econômico do país. Some-se a isso a existência de fatores estruturais, conjunturais e políticos que atuam como depressores do investimento público e privado, não só na década analisada, mas ao longo da história brasileira. Por fim, importante é discutir e propor ações concretas para dar uma solução a tais problemas.

Referências

ARBACHE, Jorge. Exportação de serviços: uma alternativa viável para os países em desenvolvimento?. **Economia de serviços**. 2016. Disponível em: <https://economiasdeservicos.com/2016/06/07/exportacao-de-servicos-uma-alternativa-para-os-paises-em-desenvolvimento/>. Acesso em: 11 fev 2022.

BATISTA, Henrique Gomes. Brasil cai para o 57º lugar em ranking internacional de competitividade. **Economia, O Globo**. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/brasil-cai-para-57-lugar-em-ranking-internacional-de-competitividade-25064449>. Acesso em: 10 fev 2022.

BUZZO, Everton José. **Fundamentos de comércio exterior**. 1. ed. Rio de Janeiro: Estácio, Seses, 2015.

DOSI, Giovanni; PAVITT, Keith; SOETE, Luc. **The economics of technical chance and international trade**. Brighton: Wheatsheaf, 1990.

CNI, Confederação Nacional da Indústria. Comércio Internacional de serviços em 2020: Análise do Brasil e das Principais Economias. Valores de 2020 e variações sobre 2019. **Portal da Indústria, CNI**. Disponível em: https://static.portaldaindustria.com.br/portaldaindustria/noticias/media/filer_public/48/3c/483c19e7-0520-4673-b359-fd96762d1b86/comercio_internacional_de_servicos_em_2020.pdf.

COUTINHO, Eduardo Senra; PEIXOTO, Fernando de Vilhena Lana; RIBEIRO FILHO, Paulo Zschaber; AMARAL, Hudson Fernandes. De Smith a Porter: um ensaio sobre as teorias de comércio exterior. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 12, nº 4, p. 101-113, out/dez, 2005.

CONSIDERA, Claudio; TRECE, Juliana. A nova década perdida brasileira e o resto do mundo – resultados per capita. **FGV IBRE: Blog do IBRE**, Mar, 2021.

ESTEVADEORDAL, A., BLYDE, J.; SUOMINEN, K. As cadeias globais de valor são realmente globais? Políticas para acelerar o acesso dos países às redes de produção internacionais. **RBCE**, n 115, 2013. Disponível em: http://www.funcex.org.br/publicacoes/rbce/material/rbce/115_aejbks.pdf.pdf

FERREIRA, Chynthia Spirandeli; PINHEIRO, Margareth Barbara Senne; RIBEIRO, Karém Cristina de Souza; ROGERS, Poble. Utilização dos incentivos fiscais e financeiros para exportação como estratégia de competitividade. In: **XI congresso brasileiro de custos**. Porto Seguro, BA, out, 2004.

FERREIRA, Douglas. Comércio Exterior de Serviços: o recorte dos serviços agregadores de valor. **Economia de Serviços**, 2018. Disponível em: <https://economiasdeservicos.com/2018/07/03/comercio-exterior-de-servicos-o-recorte-dos-servicos-agregadores-de-valor/>. Acesso em 11 fev 2022.

GARCIA, Ana Laura. **As exportações brasileiras entre 1998 e 2018: uma análise sobre a reprimarização**. Trabalho de graduação (Bacharel em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice; MELITZ, Marc J. **Economia Internacional**. 10. ed. São Paulo: Pearson, 2015.

KON, Anita. O comércio internacional da indústria de serviços: os impactos do desenvolvimento de países da América Latina. **Cadernos PROLAM/USP**, Ano 5. Vol. 2, p. 9-47. 2006.

MAGNOLI, Demétrio. **Geografia para o Ensino Médio**. 2. ed. São Paulo: Atual, 2012.

SARQUIS, Jose Buainain Sarquis. Comércio **Internacional e Crescimento Econômico no Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

MOREIRA, Uallace. Teorias do Comercio internacional: um debate sobre a relação entre crescimento econômico e inserção externa. **Revista de Economia Política**. V. 32, n. 2, p.213-228, abril/jun, 2012.

PEREIRA, Lia Valls; SENNES, Ricardo; MULDER, Nanno. **Exportações brasileiras de serviços comerciais**. Fundação Getúlio Vargas. Instituto Brasileiro de Economia. Texto para discussão n° 7, dez. 2009.

RIGHETTI, César; MICHEL, Murillo. O Comércio Internacional como fonte geradora de desenvolvimento econômico e social do país. **Rev. Científica Eletrônica de Administração**. ISSN: 1676-6822. Ano VII. n°12, jun, 2007.

VILLELA, Arthur Blois; BRUCH, Kelly Lissandra. **Ensaio sobre as teorias de comércio internacional**. In: VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto; ZILLI, Júlio Cesar; BRUCH, Kelly Lissandra (Org.). Propriedade intelectual, desenvolvimento e inovação: ambiente institucional e organizações. Criciúma: EDIUNESC, 2017. p. [186]-203.

SANTOS, Geovana Karolina dos; AMORIM, Maria do Carmo Leticia Moraes. **Comércio Internacional em tempos de crise: exportações de bens e serviços do Brasil e do Mundo (2000-2018)**. Centro Universitário Tabosa de Almeida. Dez, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ascs.edu.br/handle/123456789/2524> Acesso em 30 set 2021.

SISCOSERV, Sistema Integrado de Comércio Exterior de Serviços, Intangíveis e Outras Operações que Produzam Variações no Patrimônio. **Estatísticas do SISCOSERV**. Brasil. Ministério da Economia. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/produktividade-e-comercio-exterior/pt-br/testes/estatisticas-do-siscoserv>. Acesso em: 04 fev 2022.

ZHANG, L.; SCHIMANSKI, S. CADEIAS GLOBAIS DE VALOR E OS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO. **Boletim de Economia e Política Internacional**, n. 18, 2014. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5322/1/BEPI_n18_Cadeias.pdf. Acesso em: 05 fev. 2022.

*Recebido em: 24/01/2023.
Aprovado em: 07/07/2023.*